

Orquidário



3

Vol. 6, nº 3, 1992
Julho, Agosto, Setembro

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A. E. Mesquita - Tel: (021) 224-2886

Vice-Presidente: Yvan Lassance de Oliveira - Tel: (021) 542-3770

Diretor da Área Técnica: Alex Sauer - Tel: (021) 225-4169

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Hans Frank - Tel: (021) 709-4194

Diretor da Área Administrativo Financeira: Benedito Fabiano O. Aguiar - Tel: (021) 712-1663

Presidentes Anteriores: Edward G. Kilpatric, 1986/87, Álvaro Pessoa, 1987/90 e Raimundo Mesquita, 1990/92

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamentos: Ivana Zubic

Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia - Tel: (021) 598-6644

Pesquisa, Cultivos e cursos: Maria da Penha Fagnani

Biblioteca: Maria Stella Borges

Sócios: Carlos Ivan Siqueira - Tel: (021) 295-9100

Eventos e Relações com Organizações Congêneres: Francisca Dutra

Secretariado:

Tesouraria e Finanças:

Patrimônio: Cypriano Lopes Feijó

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Waldemar Scheliga - Tel: (021) 267-8384

Membros: Felisdoro Bastos Nunes, Álvaro Pessoa, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

REVISTA ORQUIDÁRIO

Diretor Responsável: Alex Sauer

Editoria: Roberto Agnes - Tel: (021) 247-8362

Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia, Raimundo Mesquita, Alex Sauer e Álvaro Pessoa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro e é distribuída gratuitamente aos associados.

Roga-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício Tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos, e nome do fotógrafo, devendo ser identificada a autoria de desenhos e esquemas, apresentada, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o editor para ajuste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRio, nome que, também, está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de Direito Autoral, indicada como DR, pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

1 - contribuição anual, pagável entre julho e agosto, dos sócios fundadores, contribuintes e correspondentes; Cr\$ 80.000,00 ou 4 parcelas mensais sucessivas de Cr\$ 30.000,00

- vitalícios por faixa etária:

I - 30 a 39 anos: Cr\$ 350.000,00

II - 40 a 49 anos: Cr\$ 275.000,00

III - 50 a 55 anos: Cr\$ 220.000,00

IV - 56 a 60 anos: Cr\$ 195.000,00

V - 61 a 64 anos: Cr\$ 165.000,00

VI - 65 a 70 anos: Cr\$ 138.000,00

VII - 70 a 75 anos: Cr\$ 110.000,00

VIII - acima de 75: Cr\$ 82.548,00

2 - números atrasados, sujeitos à disponibilidade de estoque:

a) entre 1986 e 1988: Cr\$ 4.500,00

b) 1989/90: Cr\$ 5.550,00

c) 1991: Cr\$ 6.800,00

3 - Publicidade devendo o interessado fornecer o texto e lay-out

3 capa: Cr\$ 215.000,00 - Página inteira: Cr\$ 195.000,00 - 3/4 de página: Cr\$ 150.000,00 - Meia página: Cr\$ 100.000,00 - Quarto de página: Cr\$ 55.000,00 - Oitavo de página: Cr\$ 25.000,00

4 - Overseas subscription rates:

1 year: US\$ 25.00 -

US\$ 33.00 - air mail

2 year: US\$ 48.00 -

US\$ 56.00 - air mail

3 year: US\$ 68.00 -

US\$ 74.00 - air mail

Os preços acima poderão ser alterados pela Diretoria sem aviso prévio. A Revista não assume responsabilidade por colaborações assinadas e publicidade.

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor. Av. Pres. Vargas nº 583 - grupo 2.014, Centro Rio, RJ, CEP 20.071. Tel: (021) 224-2886 - Fax (021) 507-1993.

Índices

Artigos:

- 92 - Mensagem do Presidente
- 94 - AGNES, R. - Stand de Exposição
- 99 - PESSÔA, A. - Guaxupé. 40 anos
- 101 - MIRANDA, F. - *S. bicolor*
- 104 - SCHELIGA, W. - *Vanda e Acacallis*
- 108 - GRUSS, O. - *Paphiopedilums*
- 112 - CARVALHO e SILVA, F. - Piaçava
- 116 - MESQUITA, R. - Meristema

Seções:

- 120 - Perfis
- 124 - Sementeira dos Sócios

Publicidade:

- 3ª capa - Aranda
- 125 - Coxim
- 100 - Florabela
- 107 - Floralia
- 126 - Orquidario Robert
- 107 - Quinta do Lago

Ilustração:

- Capa - Foto de R. Agnes
- 92 - Criação de Denison Rio Ltda.
- 119 - Aquarela Jorge Duposté
- 94 - 95 - 96 - Stands, W. Bourdette
- 97 - 98 - Stands, R. Agnes
- 99 - 100 - Guaxupé, A. Pessôa
- 101 - *S. bicolor*, A. Pessôa
- 101 - *S. bicolor* - C. Miranda
- 104 - *Vanda* - C. Ivan S. Siqueira
- 105 - *Vandas* - R. Mesquita
- 106 - *Acacallis* - R. Mesquita
- 111 - *Paphiopedilums* - Paphanatics
- 110 - *Paphiopedilums* - Olaf Gruss
- 111 - *Paphiopedilums* - H. Koopowitz
- 122 - *Ascocenda* - R. Agnes
- 3ª capa - R. Agnes
- 4ª capa - Leandro S. Nogueira Jr.

As nossas capas e destaques deste número.

O presente número se ocupa grandemente com a importância das Exposições de Orquídeas para o desenvolvimento da arte orquidófila e disseminação do interesse por essas jóias da flora. Exibir flores é arte difícil e exigente, já que com uma boa, ou má, arrumação pode-se realçar, ou apagar, a beleza de uma flor. Por isto incluímos na nossa linha editorial a publicação periódica de textos sobre o assunto, como é caso dos de Roberto Agnes, sobre a preparação de um estande da exposição e de Álvaro Pessôa, sobre os 40 anos da Exposição Nacional de Orquídeas, de Guaxupé, MG. A foto da Capa, de um dos estandes de recente exposição em Nova Iorque, EUA, demonstra a relevância da adequada composição de uma mostra, harmonizando o espaço pela distribuição do fundo, verde, de suporte e correta distribuição de cores, com uso de flores, de um mesmo gênero, segundo o melhor impacto que podem causar. A última capa, destaca, dentro do nosso Concurso anual de Desenhos e fotografias, foto de *Lonopsis paniculata*, muito bem florida, com cerca de 500 flores, feita pelo sócio Leandro Salles Nogueira, de Tangará da Serra, no Mato Grosso. Orquidário sente-se feliz com a receptividade do concurso e de estar incorporando ao quadro de seus ilustradores vocações de fotógrafos e artistas plásticos, como Gilson Tadeo Bernadochi, de S. Paulo, desenho e fotografia, e Júlio Tadeu da Silva, de Goiás, aquarela, que serão publicados em breve.

Chamamos a atenção ainda para a pag. 92 onde mostramos, em primeira mão a Logomarca da 15 th WOC, de 1996. Foi concebida e desenvolvida pela Denison Rio, agência que está encarregada do suporte profissional daquele evento. Usou, como se vê, o tema da *Laelia purpurata*, a flor nacional do Brasil, com cores que nenhum de nós jamais encontrará nessa flor, pois, contém como mensagem de localização geográfica, as cores nacionais, azul e amarelo...

Lembramos aos nossos sócios que em Orquidário Notícias lançamos Concurso Nacional de Logomarca. Infelizmente e apesar de alguns bons trabalhos, nenhum preencheu os requisitos de desenho publicitário que são indispensáveis. Orquidário Notícias que circula com este número dá mais detalhes.

MENSAGEM DO PRESIDENTE

Um poeta inglês, John Donne, escreveu um dia que o tempo, por testemunha do universo inteiro, devia parar.

O voto do poeta traduzia a nossa humana revolta contra o passar do tempo e a trágica consequência disso para cada um de nós. Mas, cabe perguntar, como seria a nossa vida sem a finitude que nos impõe um modo de ser e de viver, o que seríamos, se não houvesse o tempo urgindo?

Não passando o tempo com sua corte de estações e, bem certamente, não teríamos a alegria de, no inverno, por exemplo, termos profusão de *Sophranitis*, de *Cattleya loddigesii*, de *Phalaenopsis*, de *Dendrobium* e tantas outras...

Mas, perguntará você que me lê, mas, por que toda essa meditação sobre o tempo e a sua necessidade?

Nada é por acaso. Quando digo que o tempo não deve parar, mesmo com o seu cortejo de alegrias e a contrapartida das tristezas, que nem sempre são bem balanceadas, é por que quero lhe dizer que a Orquidário cumpriu o seu dever de renovar-se na sua cúpula diretiva, o que acontece a cada dois anos. E mudando a Diretoria, com só a exceção deste Presidente (que, por certo, não logrou aprovação e deve repetir, ficando em "recuperação", como se diz nos nossos colégios), vai seguir o seu destino, mas usando os outros caminhos que a visão pessoal dos novos dirigentes, com certeza, lhe abrirá.

Entramos no sétimo ano de existência, período que, nas orquídeas, é o limiar da maturidade, da idade adulta. Tivemos já algumas boas florações, mas precoces. Estou certo de que, agora, podemos esperar pelo belo resultado do esforço que dispendemos até aqui. Por isso, a Assembleia Geral, de 23 de junho passado, levou para o Conselho Deliberativo, o foro dos anciãos, não pela idade, mas pela sabedoria e experiência, as figuras luminárias de Waldemar Scheliga, que o presidirá, de Felisdoro Bastos Nunes, Roberto Agnes,

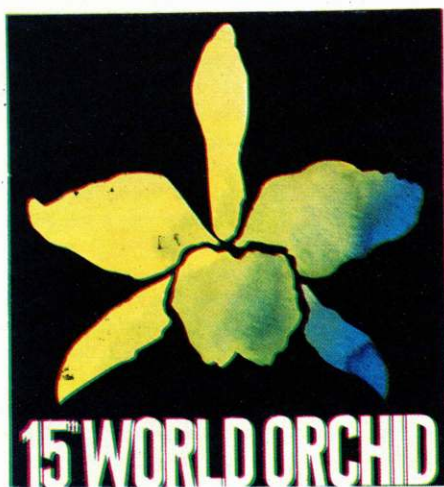
Álvaro Pessôa e Carlos Eduardo de Britto Pereira e, de lá, trouxe para Área Técnica a inextinguível competência de Alexis Sauer, devolvendo a sadia turbulência de Hans Frank à Área de Relações Comunitárias e indo buscar o calmo e cuidadoso Benedito Fabiano, para a Área Administrativo-Financeira.

A Vice-Presidência está confiada a Yvan Lassance de Oliveira, que, com sua firme serenidade, saberá coordenar as atividades internas, liberando o Presidente para as muitas missões que lhe impõem novos encargos da Orquidário, a preparação de uma Exposição Internacional, em 1994, e, sobretudo, a 15ª WOC em 1996, que será o grande evento orquidófilo, no Brasil deste final de século.

Posso dizer aos Sócios da minha intensa certeza de que os dois anos de gestão que se abrem serão frutíferos, no bom sentido orquidófilo, ou seja, que, tendo obtido flores de grande qualidade, achamos que valia a pena polinizá-las para obter o fruto e as sementes que perpetuam a beleza que perseguimos.

Que o tempo continue a urgir.

RAIMUNDO MESQUITA
Presidente



Logomarca dos 15º Congresso e Exposição Mundial de Orquídeas - Rio, 1996
Denison - Rio

Os erros de Orquidário

Erros, quem não os comete?! Por maior que sejam o esforço e os cuidados, aqui e ali aparece um deslize, que é imperioso corrigir pelo dever de informação correta e pelo respeito que devem merecer os nossos colaboradores e amigos.

A dois números atrás, no nº 1, do vol. VI, cometemos um grave equívoco de atribuição. Escrevera-nos nossa amiga Egli Labollita, Presidente da Sociedad Amigos de las Orquídeas, de Buenos Aires, e, hoje, também, Secretária da Asociación Argentina de Orquideología, remetendo-nos, como colaboração daquela entidade, o interessante texto sobre Alguns *Oncidium*s Argentinos, que publicamos naquele número (págs 11 a 16), atribuindo a autoria àquela amiga, convencidos de que, modestamente, não a assumira. Para nossa surpresa e constrangimento, quando das festividades dos 40 anos do Núcleo Orquidófilo de Guaxupé, reencontramos aquela querida amiga que nos entregou uma carta em que rejeitava a autoria do texto, indicando-nos que o autor é o Senhor Mário Crivelli, Presidente da AAO.

Feita esta retificação, quero em meu

nome pessoal e de Orquidário, pedir a Egli Labollita desculpas pelo equívoco, como, também, ao Senhor Crivelli, esperando que nos relevem da incomodidade que, involuntariamente, lhes causamos.

Raimundo Mesquita

Já que foi necessário fazer a corrigenda acima, a Editória aproveita o espaço para corrigir erros mais relevantes constantes do último número: Vol. VI, nº 2. Assim:

Págs. 55/56 as legendas estão trocadas. A foto da pág. 55 é do habitat de *Laelia lobata* e de fls. 56 da *Cattleya warnerii*.

Nos créditos de fotos e desenhos, folha de rosto, onde se lê: 65 - Habitat de *Cattleya warnerii*, leia-se 55 - habitat...

Pág. 50 - No quadro, faltou o título "Contribuições e Doações ao Fundo de Apoio à Orquidário".

Pág. 71, legendas da foto, leia-se Cultivo. Na mesma pág., segunda coluna, penúltima linha, leia-se *O. gardnerii*.

Pág. 82, deixou-se de registrar que a foto de Heitor Gloeden é de Sidney Pedro Resende.

ORQUIDARIO

Livro Tombo n.º R. 23.....

Obra n.º

msnB.....
Bibliotecário

COMO PRODUZIR UM STAND DE EXPOSIÇÃO

Roberto Agnes*



W. Bourdette

Stand Natural - Todos os vasos dos *Phalaenopsis* foram cobertos com musgo. As cores são bem agrupadas.

Um dos aspectos mais importantes na preparação de uma exposição de orquídeas é a maneira pela qual as plantas são expostas. No exterior dá-se muita ênfase ao *layout* final da exposição e um dos prêmios mais cobiçados é justamente aquele atribuído ao melhor *stand*. Infelizmente, no Brasil, perdeu-se um pouco o hábito de construir ambientes em que as orquídeas possam ser expostas de maneira mais vantajosa. É comum ver-se exposições onde todas as plantas são colocadas em prateleiras sem nenhum critério. Mosurando as orquídeas dessa maneira pode até ser mais rápido e fácil, todavia, com este tipo de montagem des-

valoriza-se totalmente o lado estético da exposição, fator tão importante quanto as orquídeas em si.

Desde a criação da OrquidaRio decidiu-se que as plantas seriam expostas em um entorno que realçasse a beleza das flores. No início a montagem era feita por um pequeno grupo (o espaço era pequeno) e todo ano procurou-se criar um ambiente que fosse diferente do do ano anterior. A reação não poderia ter sido melhor; tanto os orquidófilos, quanto o público leigo, elogiaram a maneira pela qual as orquídeas estavam expostas. A partir do ano passado passamos a fazer a exposição no Museu de Arte Moderna. Por ser aquele um lugar bem maior, impossibilitava a montagem por somente um pequeno grupo. Decidiu-se então que *stands* individuais seriam montados pelos nossos sócios (ou grupos de sócios). O público recorde é

* Rua Alberto de Campos, 107/302 - Ipanema
22471-020 Rio, RJ.

testemunha do fato de que esta forma de exposição só valoriza as orquídeas que estão sendo mostradas.

Como no Rio, existem outras associações que também montam suas exposições desta maneira, as duas exposições internacionais realizadas em São Paulo, onde havia até 25 *stands* individuais, evidenciaram que é possível fazer este tipo de montagem. Em 1996, o Brasil sediará a Exposição Mundial e será fundamental montar uma exibição à altura das nossas belas orquídeas.

O planejamento da exposição começa pelo tema que lhe é dado. É comum optar-se por um tema 'natural' pois desta maneira só é preciso usar adereços naturais como folhagens, troncos, pedras etc. Nas exposições no exterior é comum usar-se temas que permitam criar *stands* diferentes porém sem interferir com a beleza das orquídeas. No caso de 'Far Away Places' (Lugares Longínquos) um expositor criou um ambiente oriental com pedras, água, musgo e alguns adereços Japoneses. Um outro expositor criou um jardim romano usando cópias de estatuetas romanas, com arranjos de plantas a sua volta. A escolha de um tema tem que levar em consideração a facilidade com que, usando este tema, os sócios poderão montar um *stand*. Temas como 'Um Arco-Íris de Cores', 'Fantasia Tropical', 'Raro e Romântico' abrem a possibilidade de se

criar *stands* bonitos e variados sem se impor muitas restrições aos expositores. O tema deveria ser anunciado com bastante antecedência para que os participantes possam se organizar adequadamente.

O *stand* deve ser muito bem planejado. Querer chegar ao local, sem ter uma noção de como ele vai ficar, é quase sinônimo de fracasso. Se foi dado um tema, tem-se que planejar o *stand* a partir dele. Isto pode até parecer difícil mas não o é. Usemos 'Raro e Romântico' como exemplo. As palavras raro e romântico podem ser interpretadas de várias formas. Raro não precisa se restringir a um objeto, pode se referir a um evento ou sentimento. A palavra romântico é imediatamente associada a um estado de paixão, porém uma rápida olhada no dicionário mostra que ela se refere também ao fantasioso e ao poético. Isto possibilita a criação de uma grande variedade de *stands* dentro deste tema. Citemos alguns exemplos vistos na última exposição de Nova Iorque: um *stand* continha várias molduras de madeira enquadrando grupos de orquídeas, como se fossem 'quadros'. O fundo de cada 'quadro' era de veludo preto realçando assim as cores das flores. O efeito era de uma coleção de 'quadros' raros. No chão eram usados, para completar o ambiente, pequenos grupos de folhagem, avencas etc. Outro expositor construiu um templo que abri-



Stand pequeno, feito em cima de mesa. Apesar de ter poucas plantas, cada uma foi bem escolhida e quase todas foram premiadas. Todas as plantas são identificadas.

W. Bourdette

Prêmio de melhor *stand* da exposição de Nova Iorque deste ano. O expositor criou um pequeno quintal, todos os adereços sendo brinquedos de criança. O resultado foi um *stand* limpo com plantas de alta qualidade.



W. Bourdette

gava uma estatueta de Buda, criando em volta um jardim com uma pequena ponte sobre um pequeno lago. O ambiente era romântico e tanto as obras quanto as orquídeas eram os objetos raros. Como último exemplo um expositor que usou as bodas de 60 anos para criar um *stand* onde o raro eram as bodas e o romântico era o ambiente criado para celebrá-las: uma pequena mesa e duas cadeiras de ferro batido situadas no jardim interno serviam de ambiente com mesa posta para duas pessoas e toda a decoração feita com orquídeas escolhidas a dedo. Todas de boa qualidade e de cultivo impecável.

Sem planejamento, nenhum desses *stands* teria funcionado. Em todos eles os expositores fizeram um desenho do *ambiente* para terem uma noção de onde cada peça seria colocada. Através do desenho pode-se ter uma noção de onde os grupos de orquídeas seriam usados e quantas plantas de folhagem seriam necessárias. No primeiro exemplo citado foi necessário, construir as molduras. O expositor também as testou para verificar se o efeito era mesmo aquele desejado. No segundo caso o pequeno templo foi construído e depois parcialmente desfeito para poder transportá-lo. A ponte também foi feita em casa. O lago era de plástico preto com areia de rio colada na superfície, este tipo de trabalho não poderia ter sido feito no recinto da exposição. Para o terceiro *stand*,

o expositor pintou a mesa e as cadeiras e trouxe tijolos de argila para fazer o chão do seu jardim.

Um aspecto fundamental do *stand* é seu plano. Algumas áreas mais altas e outras mais baixas criam um movimento que focaliza o olho do visitante nos pontos importantes do *stand*. Usando-se areia, caixas velhas com sacos por cima etc., cria-se uma minipaisagem. Depois desse trabalho coloca-se os adereços e as folhagens maiores e mais altas. Os vasos grandes dessas folhagens, quando enterrados, criam áreas mais altas que podem ser aproveitadas na paisagem. Depois desse trabalho feito começa-se a colocar as orquídeas e folhagens menores. Quando o *stand* estiver terminado faz-se um contorno em volta dele. Deve-se evitar linhas retas; é preferível criar um contorno irregular ou arredondado, especialmente quando o *stand* tem um aspecto natural. Para isso pode-se usar galhos velhos ou tijolos.

Todas as plantas deveriam ser bem preparadas. No caso de orquídeas de haste comprida, elas deveriam ser sempre estaqueadas desde o início para evitar que entortem. Para fins de exposição deve-se usar uma estaca fina que não interfira com as flores. As folhas, tanto das orquídeas quanto das folhagens, deveriam ser limpas e livres de manchas. Eu costumo passar algodão ou um pano macio em uma mistura de água com 10 a 20% de leite para

tirar sujeira e manchas acumuladas nas folhas de todas as plantas. Evite usar ceras para planta, elas dão um brilho artificial e bloqueiam os poros das folhas. O sucesso de um *stand* depende da qualidade de suas plantas. **Um erro cometido por muitos orquidófilos é esperar até o último momento para decidir quais são as plantas que serão usadas na exposição.** Essas plantas deveriam ser bem tratadas, estaqueadas e protegidas para evitar qualquer dano às flores. Conheço vários cultivadores que 'paparicam' suas plantas muito antes de qualquer exposição, são quase sempre eles que também ganham os prêmios dados às plantas.

Uma vez escolhidas as plantas que serão usadas no *stand*, tem-se que agrupá-las de acordo com as cores das flores. Deve-se evitar a mistura de cores, em muitos casos uma cor anula a outra o que dificulta a apreciação de cada planta individual. Eu costumo agrupar todas as plantas de cor igual ou similar e partindo disso começo a colocá-las no *stand*. As primeiras plantas a serem colocadas são aquelas

de maior impacto, por ex. plantas com flores excepcionais, plantas muito bem floridas ou flores de cor vibrantes ou fora do comum. A partir destes agrupamentos começa-se a colocar os outros grupos de cor. Um artifício para separar grupos de cores muito contrastantes é colocar folhagens, troncos ou até água (um laguinho). Orquídeas de cor branca também servem para quebrar dois grupos de cor, além disso as flores brancas tendem a realçar as outras cores. Alguns orquidófilos usam a sequência das cores do arco-íris para distribuir as plantas dentro do *stand*. Este método funciona muito bem, principalmente em áreas grandes, todavia fica difícil seguir uma regra dessas sem se ter muitas plantas para seu uso.

Um problema que chama atenção em muitos *stands* é o uso excessivo de plantas. Evite colocar absolutamente tudo que está florindo. Um grupo de plantas bem floridas e de boa qualidade, onde cada planta pode ser apreciada, chama muito mais atenção do que um agrupamento maciço de plantas, colocadas sem nenhum critério. Para valorizar suas plantas sempre as posicione num ângulo onde elas possam ser apreciadas por todos os lados e não somente quando vistas de frente.

A iluminação correta do *stand* é um fator que poucos levam em consideração. Normalmente é fornecido algum tipo de iluminação pela associação anfitriã, todavia raramente isso é suficiente. Essas luzes costumam criar sombras nas flores (por serem colocadas perto do teto) e torna-se necessário usar iluminação complementar para valorizar suas flores. Focos de luz (*spots*) colocados na superfície do *stand* podem ser usados para realçar os agrupamentos de flores. Lembre-se que essas luzes esquentam muito e nunca deveriam ser colocadas perto de suas plantas. Para evitar qualquer risco de queima, é preciso manter das plantas uma distância de pelo menos um metro dos focos de luz.

O último pré-requisito para um bonito *stand* é o seu acabamento. Esse é o tipo de detalhe que faz a diferença entre ganhar



R. Agnes

Parte de um *stand* feito com flores cortadas. Usando colunas de pedras com recipientes de cobre, conseguiu-se criar algo diferente sem interferir com a beleza das flores.



Um dos erros que muitos expositores cometem é de colocar adereços que chamam mais atenção do que as orquídeas. Este stand foi baseado no filme 'O Mágico de Oz' a idéia foi boa, todavia, o caminho de tijolos amarelos e os sapatos vermelhos chamam demais atenção e acabam desequilibrando o arranjo das flores.

ou não um prêmio. Já falamos sobre a limpeza das plantas, outro fator importante são os vasos, na medida do possível dever-se-ia colocá-los fora da vista do espectador. Usa-se geralmente areia ou serragem para enterrá-los (afinal num ambiente natural não existem vasos) e em casos onde isto não é possível esconde-se os vasos com musgo ou atrás de troncos etc. O acabamento final é feito com musgo, folhas secas ou mesmo terra para esconder a areia ou serragem, essa base é a última coisa a ser feita pois qualquer pessoa pisando em cima deixaria marcas de seus sapatos. Parte desse acabamento final são as etiquetas com nome correto de cada planta. Poucas coisas são tão frustrantes quanto ver-se uma planta bonita sem se saber o nome dela. Além disso os nomes são importantes para os juízes, nenhuma planta é julgada sem ser corretamente identificada. Nas exposições atuais até 10% dos pontos dados a um stand são

para as etiquetas de identificação.

Numa grande exposição existem tamanhos diferentes de stands. Eles podem medir 50 metros quadrados ou podem ser em cima de uma mesa medindo 3 X 1 metro. Essas regras básicas aplicam-se tanto para o stand grande quanto para o menor. Sempre que alguém pára na frente de um stand bonito e bem feito tem que se lembrar que este provavelmente é fruto de um grande esforço e muito carinho por parte do expositor. Muitos orquidófilos deixam de participar de uma exposição por acharem difícil demais; eu também pensava assim. Um belo dia tomei coragem e fiz o meu primeiro stand. Além do prazer que eu tive de realizá-lo, acabei conhecendo melhor muitos sócios que, por falta de tempo, somente cuprimentava nas reuniões mensais. Desde então participo todo ano da nossa exposição e cada ano representa um novo desafio, com prazer igual ao da primeira vez.

QUARENTA ANOS DA EXPOSIÇÃO DE GUAXUPÉ

Álvaro Pessôa*



Álvaro Pessôa

C. maxima

Exposta na 40ª Exposição de Guaxupé

Cultivo: Amandio Pinto Caetano

Sendo Minas Gerais o Estado síntese brasileiro, nada mais natural que ali estivesse situada a cidade síntese das orquídeas brasileira. Belo Horizonte é a Capital de Minas, mas Guaxupé é a Capital das orquídeas Mineiras.

Guaxupé foi, ainda é, e será sempre uma espécie de Capital da orquidofilia. Um lugar com tal força telúrica e de mística tão especial, que durante quarenta anos atraiu legiões de admiradores. A despeito da distância, das dificuldades de transporte e das péssimas estradas brasileiras de 30 anos atrás.

No princípio, como brincam os próprios habitantes, era o Guaxupó. As estradas poeirentas pelas quais passavam, empoeirados mas alegres, orquidófilos e suas plantas floridas. Todos em demanda festiva alegria, com que sempre nos receberam o Professor Jair, o João Antônio Nicoli, o Albertinho e a turma de Guaxupé. Sempre a inigualável cortesia, discreta e presente, dos homens das Minas Gerais.

Pelos caminhos velhos de Minas, cuja riqueza aurífera fez o Rio de Janeiro, invertida a direção, sobem agora e sempre os cariocas, carregando suas plantas na busca de outro ouro: o da placa de ouro de Guaxupé. Troféu cobiçado; que se tornou famoso, e foi palco de inúmeras acirradas

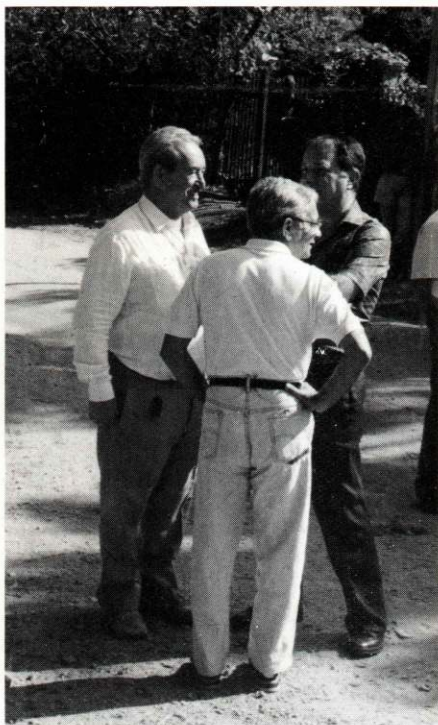
* Rua Uruguai nº 507/102 - Tijuca - Rio, RJ

disputas, sobretudo quando uma *Vanda* de Noboru Suzuki venceu uma *Cattleya* de Rolf Altenburg. Pelas vertentes da Mantiqueira, caminhando sempre para o poente, de leste para oeste, também sobem esses bandeirantes modernos, que são herdeiros dos forjadores de nossas fronteiras e grandeza territorial.

Gaúchos, capixabas, paranaenses e nordestinos engrossam a deliciosa peregrinação, que vai estudar no almoço verdadeiramente sobrenatural, que sempre nos oferecem o Albertinho e sua mulher, debaixo daquelas jabuticabeiras seculares. Nunca vi chover no dia por eles marcado para aquele almoço, por força, talvez, de alguma composição política, mineira e matreira, que o Albertinho tem com São Pedro. E só o milagre evangélico da multiplicação dos pães, e a grandeza farta do coração do casal, explica como é que tanta gente, consegue comer tão bem, servido por uma estrutura familiar.

Esse ano, além dos habituais peregrinos, vieram os norte-americanos, os argentinos e os italianos para internacionalizar a festa. E eu juro que vi e ouvi de Arthur Host, um dos muitos americanos ali presentes, que estava achando aquela confraternização, uma das melhores que assistira em muitos anos de andanças pelo mundo afora. E olha que para um norte-americano chegar a esse grau de sensibilidade é raro.

Seria quase impossível citar, sem fazer injustiças, quem foi e quem faltou, mas presentes estavam o Alfredo Martinelli que é o símbolo vital da orquidofilia paulista, bem como Sebastião Carneiro de Moraes, com sua discreta, mas fortíssima



Álvaro Pessôa

Momentos de confraternização marcaram a 40ª Exposição de Guaxupé. Na foto, o nosso Presidente, de costas, conversa com Sebastião Carneiro de Moraes, da Associação Mineira de Orquidófilos, à esquerda, e Amandio Pinho Caetano, da Assoc. Paulista de Produtores de Orquídeas.

presença simbolizando Belo Horizonte. Havia ainda o Erico e o Damião, capixabas por escolha e tantos outros companheiros.

A cerimônia de encerramento do evento, marcada por grandes emoções, encerrou os 40 anos de uma festa, admiravelmente organizada pelo Prof. Jair e seus companheiros, que embora promovida pelos mineiros, é hoje um evento nacional.

SOPHRONITIS BICOLOR MIRANDA in *Die Orchidee* 42 (5): 227. set-out 1991.

Francisco Miranda*



Sophronitis bicolor

Cultivo - F. Miranda

Álvaro Passôa

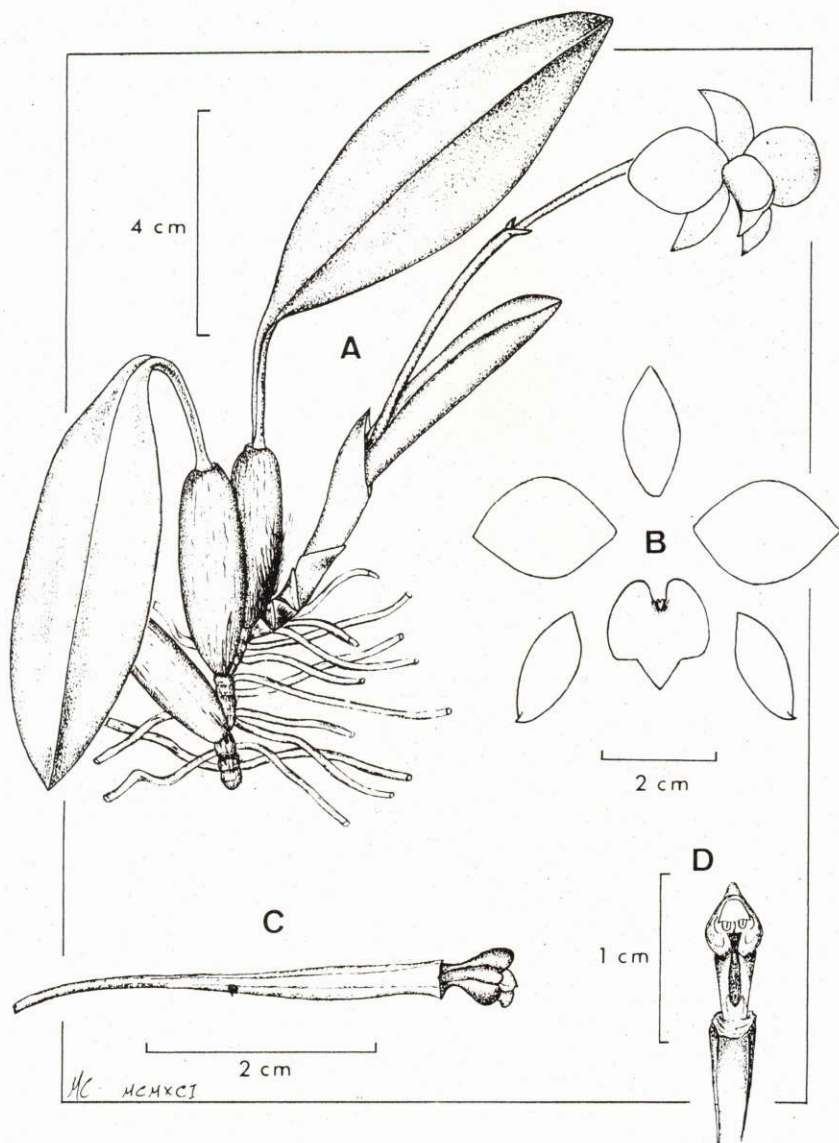
E pífita robustíssima entre as congêneres; raízes filiformes, com até 15 mm de diâmetro; Rizoma cilíndrico, 3-6 anelado, com gemas originando-se no último nó, durante seu desenvolvimento revestido por bainhas laxas que secam na maturação do broto, com 4 a 5 mm de diâmetro e 1 a 1,5 cm de distância entre os pseudobulbos. Pseudobulbos cilíndricos, com superfície inicialmente lisa e após a maturação longitudinal e tenuemente rugosa, resultando em uma aparência "rugosa", durante seu desenvolvimento revestidos por bainhas laxas, a superior com a extremidade livre e excedendo a altura do pseudobulbo desta forma protegendo o botão floral em sua fase inicial de desenvolvimento, verde-glaucos, com até 5 cm de comprimento e 1 cm de diâmetro. Folhas elíptico-lanceoladas, coriáceas, planas ou ligeiramente dobradas sobre a nervura central, com ápice agudo e base

formando pseudopecíolo de até 1,5 cm de comprimento, verde-escuros raramente com pigmentação purpúrea nos bordos, com até 15 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. Inflorescência uniflora protegida inicialmente pela última bainha que reveste o pseudobulbo de forma como dito laxa, com raque cilíndrica, verde-glaucos, com até 5 cm de comprimento e 1,5 mm de diâmetro, terminada em rudimento atrofiado. Flores alaranjadas a vermelho-íntensas, mais claras externamente, com labelo amarelo a alaranjado com estrias longitudinais vermelhas, planas ou quase, com até 4,5 cm de diâmetro; pedicelo e ovário no total com até 5 cm de comprimento, 1,5 mm de diâmetro na porção de pedicelo propriamente dita e 2,5 mm de diâmetro no ovário, este tenuemente trissulcado com ligeiro ângulo para baixo formando assim um eixo com a coluna; sépalas lanceoladas, agudas, planas a ligeiramente reflexas, a dorsal com até 2,5 cm de comprimento e 1 cm de largura, as laterais tenuemente falcadas, com até 2,5 cm de comprimento e 1 cm de largura; pétalas elípticas a ovato-redon-

* Av. Edson Passos 4.490
Rio, RJ - 20.531

das, planas, dispostas horizontalmente, isto é, com seus eixos alinhados ou até mesmo caídas em relação a esta linha horizontal, com até 3 cm de comprimento e 2,5 cm de largura; labelo trilobado, os

lobos laterais lanceolados com ápices triangulares obtusos divergentes que em posição natural envolvem a coluna, e lobo frontal em forma de triângulo equilátero, no total com até 1,8 cm de comprimento



A - Porte vegetativo.

B - Diagnose floral

C - Coluna em vista lateral

D - Coluna em vista de baixo

e 1,8 cm de largura; coluna arcada, subtriangular em seção, em seu dorso e para o ápice com crista achatada e abaulada, em sua faces laterais com aurículas bem desenvolvidas viradas para baixo e chegando a se tocar, verde-glaúca, com até 7mm de comprimento e 4,5 mm de altura; antera globosa, purpúrea, protegida pelos bordos das aurículas da coluna, separada do estigma por rostelo bem desenvolvido em forma de membrana, com 8 políneas arroxeadas; cavidade estigmática larga, se estendendo pela face inferior das aurículas da coluna, com até 1,5 mm de comprimento e 4 mm de largura. Fruto com cristas pouco desenvolvidas, com até 6 cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro.

ETIMOLOGIA: Do latim *bicolor* 'com duas cores', referindo ao contraste do colorido do labelo amarelo-alaranjado com o vermelho dos demais segmentos.

Esta é mais uma das espécies ornamentais de *Orchidaceae* descritas recentemente, sendo assim interessante a transcrição para língua portuguesa para sua divulgação nas hostes patricias. Os comentários a seguir são tradução da publicação original.

Já há alguns anos temos observado esta interessante espécie de *Sophronitis*, recebida do Espírito Santo como *S. coccinea*. Desde o início as plantas chamaram a atenção, mesmo sem flores. Vegetativamente, podem ser confundidas com exemplares de *Laelia pumila*, tal sua robustez. Folhas com até 15 cm de comprimento já foram observadas em plantas recebidas do habitat, mas, em cultivo, estes extremos dificilmente se mantêm. A pigmentação purpúrea observada em alguns exemplares parece ser uma característica individual, não estando relacionada a níveis de exposição à luz. Quanto à coloração das flores, foram observadas variações desde o laranja-avermelhado até o vermelho-intenso, com o labelo indo desde o amarelo com apenas uma estria vermelha até ao alaranjado com estrias longitudinais divergentes ver-

melho-intensas.

A afinidade desta espécie está em *Sophronitis coccinea*, como de resto ocorre com as outras espécies do gênero excetuando-se o complexo *S. cernua*. De fato, se não levarmos em conta a coloração vermelha, *Sophronitis bicolor* se afasta bastante de *S. coccinea*, mesmo mais do que as demais espécies próximas. Com relação ao porte vegetativo, dimensões e bainhas laxas durante o desenvolvimento do novo broto separam-na bem de todas as outras espécies do gênero. A raque da inflorescência é também sempre muito mais longa do que nas demais espécies. A um exame das flores, as diferenças são ainda mais claras. As pétalas são características por sua forma, textura e disposição horizontal em relação ao triângulo formado com o labelo. Esse somatório de características não é encontrado em nenhuma outra espécie do gênero. O labelo é mais largo e curto, de modo que o lobo frontal tem a forma quase que de um triângulo equilátero, muito mais curto que em *Sophronitis coccinea* e demais espécies próximas, quando chega a ser 2 a 3 vezes mais longo do que largo. Com isso, as flores de *Sophronitis bicolor* são facilmente reconhecíveis mesmo quando preservadas em álcool e descoloridas, fato um tanto incomum no complexo *S. coccinea*.

Com a delimitação da área de ocorrência desta interessante espécie, as citações de *Sophronitis coccinea* para a região central do Estado do Espírito Santo não podem ser confirmadas e na verdade devem dizer respeito a *S. bicolor*. Assim, o isolamento das 2 espécies fica claro, e é mais um dado para corroborar sua separação. De *Sophronitis coccinea* temos nas proximidades apenas a ssp. *pygmaea* Pabst, que deve ser melhor estudada com relação ao seu correto 'status' taxonômico. A época de floração de *Sophronitis bicolor* é abril-junho, desta forma com pico de floração alguns meses antes de em *S. coccinea*.

NOTAS SOBRE O CULTIVO DE DOIS GÊNEROS DIFÍCEIS: *VANDA* E *ACACALLIS*

Waldemar Scheliga*



Carlos Ivan Siqueira

Cultivo: Waldemar Scheliga

Do gênero *Vanda* existem classificadas de 30 a 40 espécies, originárias da Ásia tropical, desde a Índia até a Indochina, Nova Guiné, Austrália e Filipinas, incluindo as Ilhas Salomão e Formosa.

Ao descrever o Gênero, Sir W. Jones (1795, in *Asiatic Researches*), deu-lhe o nome de *Vanda*, palavra do idioma Sanscrito que designava a hoje conhecida

como *Vanda tessellata*, originária de Bengala, na Índia.

Poucas são as espécies desse gênero que se cultivam aqui no Brasil, sendo as mais comumente encontradas em cultivo *Vanda tricolor* e sua variedade *suavis*; a *V. teres* e sua variedade *alba* e a *Euanthe sanderiana* - mais conhecida pelo sinônimo *Vanda sanderiana*.

Ascocenda é o híbrido resultante do cruzamento de *Vanda* com *Ascocentrum*.

Esse cruzamento produz uma planta que parece uma *Vanda* em miniatura, pois, retém o característico porte anão da

* R. Almte. Saddock de Sá nº 133/401
Ipanema - Rio, RJ

Ascocentrum e produz flores cujo brilho ultrapassa o da *Vanda*. Bem cultivadas florescem 2 vezes por ano. Aqui vale ainda mencionar que resultados interessantes foram obtidos com o cruzamento de *Vanda* com *Doritis*, *Renanthera*, *Aerides* e *Rhincostylis*, no qual se empenham hibridadores dos Estados Unidos, Japão, Formosa e Tailândia.

De híbridos de *Vanda* com *Ascocentrum* já existe maior quantidade em cultivo, no Brasil. Ultimamente tem havido ofertas interessantes de um cultivador chinês estabelecido na Bahia, Hsu Yet Hsing, assim como do mais novo orquidário do Rio, o Orquidário Boa Vista.

Vandas azuis. Azul é uma cor rara em orquídeas e por isso, todo orquidófilo almeja possuir uma planta dessa tonalidade.

Há alguns anos adquiri uma *Vanda* como sendo da variedade *coerulea*, porém, ao florir ficou constatado que se trata de um híbrido resultante do cruzamento de *Vanda coerulea* X *Euanthe sanderiana*, ou seja: *Vandanthe Rothschildiana*. Em todo caso predomina a cor azul e a planta é muito robusta e floresce duas vezes por ano.

Aliás, *Vandas azuis* ultimamente tem sido a grande coqueluche nos Estados Unidos. A *Vanda* Motes Indigo (V. Fuchss Delight X V. *coerulea*) Além de acumular 5 Quality Awards em várias exposições,

ainda obteve um Award of Merit com 80 pontos.

Cultivo essas plantas aqui no Rio, em São Conrado, ao ar livre, instaladas em cachepots de madeira e, como substrato, pedaços de carvão e cacos de cerâmica. São plantas que emitem longas raízes aéreas, que devem desenvolver-se livremente.

Vandas exigem muita rega e boa circulação de ar. Apreciam elevada umidade ambiental. Como esse fenômeno climático no Rio de Janeiro é muito irregular, penduro debaixo de cada gaiola, com uma distância de 8 cm, um prato plástico com água. Entretanto, é preciso ter cuidado para não formar focos de mosquitos ou acúmulo de limo.

Além disso, as *Vandas* e seus híbridos necessitam de calor e o máximo de luminosidade, que deve ser a mais abundante possível, sem, no entanto, chegar ao limite de queima das folhas. Plantas adultas suportam bem o sol da manhã até às 10 horas no verão e de depois das 16 horas.

A adubação foliar é feita de 10 em 10 dias com adubo líquido 6-6-8 na proporção de 0,10 ml por litro d'água.

As *Vandas* e seus híbridos não gostam de ser molestados com mudanças e replantio. Se a planta cresceu muito e a gaiola se tornou pequena, coloca-se tudo, tal qual como está, numa gaiola maior e enche-se os vazios com carvão e cacos.



A foto demonstra o modo de cultivar *Vanda*: gaiolas de madeira vazias ou com carvão. A da direita mostra uma das afirmativas do autor: a gaiola já insuficiente é posta numa maior.

Foto e cultivo: R. Mesquita

Quando se necessita acomodar as raízes no cesto, é prudente deixá-las por algum tempo, cerca de 10 minutos, no máximo, em água morna. Elas ficam flexíveis e maleáveis. Quanto às *Vandas nativas* o cultivo é o seguinte:

Vanda teres cultiva-se em clima quente, em pleno sol, encostada num palito de xaxim, estaca de bambu grossa ou tronco de árvore viva. Digo encostada porque as *Vandas* como todas as orquídeas "aéreas" como *Aerides*, *Renanthera* etc. não gostam de ser apertadas contra o tutor. Fixa-se apenas a parte inferior e as novas raízes com o tempo vão se fixando, mantendo naturalmente um certo distanciamento.

Vanda tricolor pode ser cultivada também em clima temperado. Em Petrópolis tenho 12 dessas plantas, bem robustas, que florescem regularmente e até melhor do que as que cultivo no Rio. Em Petrópolis não há necessidade de adotar o prato com água porque a umidade local é suficiente.

Vanda coerulea em seu habitat no Himalaia vegeta em altitudes entre 800-1.300m. Recentemente iniciei a experiência de cultivar em Petrópolis um "Keiki" da *Vandanthus Rotschildiana* que é o cruzamento de *Vanda coerulea* e

Euanthe sandieriana. A planta está se desenvolvendo normalmente apesar do frio que este ano em algumas madrugadas chegou a baixar para 5° C.

Acacallis cyanea

No cultivo da *Acacallis cyanea*, para se obter êxito, é necessário um ambiente sombrio, quente e úmido. A planta adapta-se melhor instalada em placas ou tocos de xaxim.

Devemos porém, tomar muito cuidado com os fungos, o que, devido a estas condições de cultivo, aumenta o risco de sua ocorrência. Portanto, um tratamento preventivo com um bom fungicida é recomendável. Pulverizo mensalmente as plantas com DITHANE M45 na dosagem de 1 colher das de sopa em 10 litros d'água.

Em seu habitat no Amazonas a *Acacallis cyanea* escolhe como hospedeira uma palmeira de varzea inundável, ficando submersa durante semanas, quando das cheias anuais provocadas pelo degelo nos Andes.

Calor temos no Rio de sobra; portanto, para imitar o ambiente do Amazonas, só



Acacallis cyanea

Foto e cultivo: R. Mesquita

precisamos adaptar uma fonte permanente de umidade. Num lugar sombreado debaixo de uma velha Plumeria (Jasmim-Manga) instalei no chão uma caixa d'água de 150 litros e sobre a mesma pendurei as *Acacallis cyanea*, *Zygopetalum labiosum* e várias outras orquídeas do Amazonas.

A evaporação desse depósito d'água também beneficia outras espécies ao redor como *Stanhopeas*, *Gongoras*,

Rodriguezias etc.

O gênero foi estabelecido em 1853, por John Lindley (in *Folia Orchidacea*) a partir de espécies coletadas no Amazonas, próximo a Manaus, por Richard Spruce, e o nome, do grego, alude a uma ninfa da mitologia, AKAKALLIS, que era um dos amores de Apolo. O gênero é tido como monotípico, i. e., dele só se conhece uma espécie.



Florália

Espécies, Híbridos e Mericlones

Endereço para Correspondência:

Caixa Postal 100.541 - Niterói - Rio de Janeiro - 24.140
Tel.: (021) 722-2742 - Fax.: (021) 718-5223



ORQUIDÁRIO

Quinta do Lago

ESPÉCIES BRASILEIRAS
HÍBRIDOS
SEEDLINGS E MERICLONES

SOLICITE LISTA GRATUITA

RUA DOMINGOS JOSÉ MARTINS, 195 - BONSUCESSO
CEP 25600 - PETRÓPOLIS - RJ - TEL: (0242) 21 2554

NOVAS ESPÉCIES DE “SAPATINHO DE VÊNUS” ABREM NOVOS CAMINHOS PARA O CULTIVO.

Olaf Gruss*

Tradução Waldemar Scheliga

A descoberta de uma nova espécie de “sapatinho de vênus” desperta nos cultivadores a expectativa de obtenção de novos e atraentes híbridos com formas e cores até então desconhecidas. Nessa situação estão, em primeiro plano, as espécies do gênero *Paphiopedilum*. O gênero *Phragmipedium* vem sendo, também, considerado com mais interesse pelos cultivadores. Já o gênero *Cypripedium*, que somente ocorre no hemisfério norte, conta, até agora com, apenas, mais ou menos 10 híbridos. Também aí, os híbridos, até agora obtidos por apenas dois cultivadores, apresentaram resultados apreciáveis. O quarto gênero das orquídeas cognominadas “sapatinho de vênus”, *Selenipedium*, até agora não foi usado para desenvolvimento de híbridos. Isto porque só existem poucas plantas em cultivo nas coleções e, além disto, são de tamanho muito grande e produzem flores muito pequenas.

Raras são as orquídeas que, nos últimos anos, tenham causado tanta agitação como as novas espécies da Seção *Parvisepalum*, descobertas em meados de década de 80. Apenas o *Paphiopedilum delenatii*, igualmente da Seção *Parvisepalum*, causou tanta sensação quando apareceu há mais ou menos 30 anos. Não é de admirar que logo em seguida tenham sido empreendidos grandes esforços para produzir híbridos com essa nova espécie. O *Paphiopedilum armeniacum* foi descrito em 1982 e floriu pela primeira vez nos Estados Unidos em 1985. As demais espécies dessa Seção, como o *Paph. micranthum*, *Paph.*

emersonii. e *Paph. malipoense* floriram um pouco mais tarde. O número de cruzamentos feitos logo, em seguida, é significativo e demonstra o interesse despertado para essas novas espécies. Considerando o longo tempo de 3 anos ou mais, entre a semeadura e o florescimento, não deixa de ser surpreendente a quantidade de híbridos que já floriram até agora. O primeiro híbrido de *Paph. armeniacum* que floresceu foi o *Paph. Armeni White*. O cruzamento foi feito por Fumimasa SUGIYAMA (Japão), sendo ele o primeiro importador e cultivador de híbridos das espécies da Seção *Parvisepalum*. O cruzamento foi com *Paph. delenatii*. Alguns cultivadores alimentavam a esperança de obter um misto das duas tonalidades, ou seja, uma suave tonalidade de laranja ou a coloração pura de amarelo. Ao florir, porém, o cruzamento mostrou uma tonalidade branco-creme, o que acabou dando o nome ao híbrido. O estaminódio conservou a mancha amarelo-intenso na parte dianteira. A cor do *Paph. delenatii* era dominante.

O segundo híbrido que floresceu e foi denominado *Paph. China Moon*, era um cruzamento entre *Paph. armeniacum* e o híbrido natural *Paph. Greyii*. Neste caso a polinização foi feita com o pólen do *Paph. armeniacum*. A outra matriz, i.é, o *Paph. Greyii*, era de um branco muito puro com pequenas manchas vermelho-bordô. A coloração das flores resultantes desse cruzamento varia de uma suave amarelo-creme até amarelo-manteiga mais intenso. Contudo, não foi conseguida a intensidade da cor existente nas espécies cruzadas.

O terceiro híbrido foi registrado por Robert WELTZ (USA) com o nome *Paph. Gold Diamond*. É um híbrido do *Paph. fairrieianum* e *Paph. armeniacum*, criado

* In Der Au 48
D - 8217 - GRASSAU
Alemanha



Paphiopedilum armeniacum

por Fumimasa SUGIYAMA, da Yamata Noen Nursery. Novamente a cor resultante foi amarelo pálido, porém, desta vez, sobreposto de uma coloração púrpura.

Os híbridos seguintes também mostraram uma coloração mais para o branco-creme. Somente os híbridos com *Paph. primulinum* alcançaram os objetivos dos cultivadores. *Paph. Gold Dollar* apresentou uma flor equilibrada, de coloração amarelo intenso. Embora a flor do híbrido com *Paph. sukhakulii* também tenha mostrado uma cor amarela com pintas acastanhadas, sua forma pouco equilibrada a torna menos apreciável.

O cruzamento sobre que se depositou maiores esperanças, foi com *Paph.*

bellatulum. Os cultivadores esperavam flor fortemente tingida de amarelo e com forma parecida ao *Paph. Vanda M. Pearson*. Finalmente uma planta desse cruzamento floriu no Japão. Porém, novamente a cor amarelo era bastante fraca. O mesmo cruzamento foi feito, mais tarde nas estufas de Franz GLANZ, na Alemanha, e as flores satisfizeram quase todas as expectativas. Somente a cor não foi tão expressiva como a dos progenitores.

Particularmente atraente mostrou-se o cruzamento com *Paph. Doctor Jack* (*Paph. concolor* X *Paph. niveum*). O híbrido resultante, *Paph. Wössener Gold*, encanta tanto pela coloração intensa como também pela forma perfeita. Somente o tamanho da flor ficou um pouco aquém do que se esperava.

Existe um grande problema nos cruzamentos com as novas espécies de *Paphiopedilum* originárias da China. Via de regra, as sementes produzem um número reduzido de plantas. Por isso, é de prever que os preços desses híbridos vão se manter elevados.

O primeiro híbrido de *Paph. micranthum* foi um cruzamento com *Paph. Pinocchio*, que também foi feito por Fumimasa SUGIYAMA e floriu inicialmente com Frank HUGHES na Califórnia. Apesar da flor ter sido algo decepcionante, ainda apresentou alguns pontos interessantes. A cor do "sapatinho" era parecida



Paph. Wössener Gold
(*Paph. Doctor Jack* x *armeniaceum*)

Paphanatica



Paphiopedilum micranthum

com a do ancestral da Seção *Parvisepalum*. A coloração era um misto das cores das plantas cruzadas. Além disso, era visível uma suave nervura sobre as pétalas. A sépala era de colorido amarelo-esverdeado. Num segundo cruzamento entre *Paph. philippinense* e *Paph. micranthum*, as pétalas e sépalas apresentaram uma coloração acastanhada, coberta com algumas estrias.

Assim, os dois primeiros híbridos foram um tanto decepcionantes, quando não totalmente sem valor.

Os cruzamentos posteriores igualmente trouxeram resultados desanimadores e chegou-se a acreditar na impossibilidade de chegar a algum resultado positivo. Porém, as florações seguintes modifica-

ram inteiramente essa opinião. Foi um cruzamento entre *Paph. micranthum* e *Paph. delenatii*, realizado por Terry ROOT da Califórnia. Dois clones floriram um após outro e o resultado foi excelente. A forma da flor era um meio termo entre as das plantas paternas, porém de tamanho maior. Numa das plantas o colorido da flor era um rosado intenso com veios mais escuros. Na outra, a cor do fundo era mais pálida e branca. *Paph. delenatii* suprimiu todo colorido amarelo das sépalas que poderiam ser herdadas do *Paph. micranthum*. Esse novo híbrido foi registrado por Terry ROOT com o nome *Paph. Magic Lantern*.

O próximo híbrido que floriu, foi feito originariamente por Kevin PORTER e o resultado foi igualmente extraordinário. O *Paph. Magic Lantern* foi sensacional, mas o novo híbrido o superou. O cruzamento entre *Paph. micranthum* e *Paph. bellatulum* foi registrado com o nome *Paph. Kevin Porter*. A flor herdou a haste curta do *Paph. bellatulum*, porém, suficientemente rígida para sustentar a floração sem tutor. A flor bastante redonda, era intensamente colorida de vermelho com subtonalidades de mogno. Os traços dos desenhos das pétalas de *Paph. micranthum* ainda eram visíveis e o outro parceiro do cruzamento contribuiu para acentuar a coloração.

Uma das metas dos hibridadores ainda

Paph. Gold Dollar
(*Paph. primulinum* x *armeniacum*)



Olaf Gruss



Paph. Magic lantern
Cultivo: The Orchid Zone

H. Koopowitz

não foi, porém, alcançada. A de produzir híbrido em que a combinação das cores amarelo e rosa resultem numa coloração alaranjado-pêssego. Como as sépalas e pétalas do *Paph. micranthum* contêm pigmentação amarela e verde, existe a possibilidade de se obter o efeito desejado, desde que seja cruzado com um parceiro adequado de cor amarela intensa. O híbrido mais evidente seria o cruzamento entre *Paph. micranthum* e

Paph. armeniacum. Até o momento não se tem notícia da floração de alguma dessas combinações. No entanto, sei que "seedlings" em cultivo já alcançaram um tamanho próximo da floração e sabermos em breve, se as expectativas são confirmadas.

No próximo número teremos a continuação do artigo onde são discutidas as outras espécies da Seção *Parvisepalum*.

Paph. Kevin Porter
(*Paph. bellatum* x *micranthum*)



Paphanatics

PLAÇAVA NOVO E PROMISSOR SUBSTRATO PARA AS ORQUÍDEAS

Francisco Sales Carvalho e Silva*

Todos os que cultivam orquídeas, sonham como descobrir o substrato "ideal" para sua cultura. Há muitos anos o xaxim marrom desfibrado vem sendo empregado com razoável êxito, entretanto em face do seu alto custo, de sua crescente escassez e do risco da proibição do seu comércio, tem-se trabalhado na procura de um substituto que supere essas deficiências. Soma-se a isso o fato do xaxim ter alto poder de retenção de água, com uma composição relativamente rápida.

Evidentemente em lugares quentes como Rio de Janeiro, a umidade alta é muito perniciososa para as plantas, causando o apodrecimento das raízes, decorrente da falta de ventilação e conseqüentemente deficiência do oxigênio tão necessário à vida das raízes. Essa deficiência de aeração produz anaerobiose, com conseqüente crescimento de flora putrefativa.

Por tudo isso, foi com boa expectativa que vimos o trabalho de Maurício Verboonen, no Orquidário Binot, procurando nos rejeitos de piaçava, das fábricas de vassoura, um substituto para o xaxim. Cabe registrar um louvor especial a esse jovem, que com determinação inabalável e uma confiança admirável, enfrentou auxiliares e companheiros de trabalho, sem falar nas fortes críticas dos orquidófilos em geral, quando resolveu passar todas suas plantas para piaçava.

Sou testemunha da guerra que isso pro-

vocou, da descrença geral, sendo-lhe atribuída uma atitude temerária que poderia trazer graves conseqüências. O tempo passou, e dois ou três anos depois, vencida a fase inicial de adaptação, os mesmos críticos se rendem à evidência inquestionável do sucesso da cultura em piaçava.

A piaçava ou piaçaba é uma fibra extraída da axila das folhas das palmeiras *Attalea funifera* Mart e *Leopoldinea piassaba* Wel.

Essa fibra, uma vez beneficiada, é usada no fabrico de vassoura. As sobras dessa fabricação, oriundas do aparo das fibras constituem o resíduo industrial que é usado como substrato para as Orquídeas.

O aproveitamento desse resíduo é altamente benéfico para as indústrias de vassouras, que têm um problema sério para eliminá-lo, já que sua queima produz uma fumaça altamente irritante e o produto é difícil de apodrecer. Essas razões fazem com que seja fácil e de custo muito baixo esse material. Cabe lembrar que só uma fábrica em Petrópolis produz 1.000 dúzias de vassouras, com um rejeito de + - 600K por dia.

A *Attalea funifera* Mart., cresce em grande quantidade em faixas semi-alagadiças próximas ao mar, nos estados do Espírito Santo e Bahia, onde é conhecida pelos nomes de Catoli, coqueiro de piaçaba etc.

O centro de sua dispersão é a Bahia, nos municípios Cairu, Belmonte e Cabralia, sendo que a melhor qualidade é a de Canavieiras, que tem a cor castanho mel.

A fibra quando colhida a intervalos de tempo mais longo, pode atingir 6 metros,

*Rua: Elvira Niemayer, 214
São Conrado - Rio de Janeiro.
CEP: 22.600

o que a torna de primeira qualidade.

No extremo norte temos outra palmeira, *Leopoldinia piassaba* Wal. abundante no Amazonas e Pará, produzindo a piaçaba da Amazônia ou bassínia, de fibras um pouco mais curtas e bem mais macias.

As fibras de piaçaba são recobertas por uma capa chamada borra e que na Bahia é usada na cobertura de quiosque. Além disso, a palmeira produz coco comestível do qual além de se extrair o óleo e a farinha, serve para confecção de utensílios, como botões etc.

De cada palmeira, tira-se a cada ano, mais ou menos quatro folhas, juntamente com as fibras e que dão aproximadamente 2 kilos de fibra limpa. A piaçaba tem uma exploração intensiva, pois é muito usada no mundo todo, chegando a alcançar o valor de US\$ 3.000 por tonelada.

Na sua exploração enquanto os homens em cima das palmeiras cortam as folhas com as fibras, no chão, o resto da família faz o beneficiamento das mesmas, o que consiste basicamente na retirada das capas e do resto das folhas e da eliminação da sujeira, batendo os feixes de fibra e às vezes lavando nos riachos. Após essas operações fazem feixes (molhos) de mais ou menos 10 quilos que são comercializados.

Nas fábricas de vassouras, ao cortarem as fibras nos tamanhos padrões, as sobras com comprimentos irregulares, representam o resíduo industrial que é usado no substrato das orquídeas.

A grande qualidade das fibras de piaçaba, que a tornam quase insubstituíveis no fabrico de vassouras, é a sua repelência à água, gordura e sujeiras em geral. Basta comparar uma velha vassoura de piaçaba, com grande uso, e uma plástica, para perceber a diferença. A de piaçaba continua limpa, sem gordura, sem sujeira até acabar, enquanto as de plástico se engorduram e fixam sujeira.

Essa qualidade é de grande importância no uso como substrato para orquídeas. Ao contrário do xaxim, a piaçaba praticamente não tem pó, nem sujeiras aderidas.

Como a piaçaba é formada pratica-

mente de lignina, sua decomposição é muito lenta e com baixa produção de ácido húmico, oriundo da escassa celulose existente.

Tendo-se em conta que um substrato ideal para as orquídeas deva atender a qualidade tais como fácil arejamento, permeabilidade, baixa retenção de água e, por decomposição, liberação de substâncias minerais, necessárias à alimentação das plantas, o uso da piaçaba pode representar uma solução razoável. Para tanto, as fibras devem ser cortadas em pedaços pequenos, sabendo-se que quanto menores, mais compacto ficará o substrato, com menor porosidade e maior retenção de água.

Como no caso do xaxim, as plantas devem ser envasadas, apertando-se o substrato para que fiquem firmes. Após o transplante, os vasos devem ser mantidos em locais mais úmidos para melhor enraizamento.

Pelo que podemos observar em Petrópolis e no Rio de Janeiro (São Conrado) locais de umidade bastante alta, o substrato de piaçaba é muito bom.

Há aproximadamente três anos, iniciamos o plantio em piaçaba. No primeiro ano uma mistura de piaçaba e xaxim que adquirimos na Florália. Envasamos as plantas mais diversas nesta mistura. Como o resultado médio fosse bom, nos encorajamos a tentar a piaçaba pura.

Inicialmente trouxemos uma piaçaba conseguida no Orquidário Binot., formada por uma mistura de bassínia e piaçaba dura com pedaços de 10 a mais centímetros e de feixos mais longos de bassínia.

Esta mistura dava certo trabalho para envasar pelo comprimento das fibras que dificultava o bom arranjo no vaso, sendo necessário cortar o excedente que ficava fora do vaso.

Mais tarde encontramos na Florália uma piaçaba marrom clara, cortada em pedaço de aproximadamente 5 cm. Esse material é muito limpo, sem pó e bastante homogêneo. Pelo menor tamanho das fibras o envasamento ficou muito mais fácil.

CARACTERÍSTICAS FÍSICO QUÍMICAS

	Xaxim novo	Xaxim usado (+ 2 anos)	Piaçava nova	Piaçava com + 2 anos
Densidade aparente	10g/80ml	-	10g/60ml	-
Umidade (Perda p/ secagem a 105° C)	13%		4%	
Retenção de água	260 vezes		110 vezes	
pH	3,4/3,9	3,6/4,0	3,5/4,0	5,0/5,3
Aspecto	Esponjoso poucas fibras		Fibras rígidas	
Cor	Marrom		Marrom	
Cheiro	Sg		Sg	
Tempo de secagem (vaso barro)	8 dias	5 dias	2 dias	
Tempo de secagem (vaso plástico)	14 dias	7 dias	5 dias	
Sais solúveis (a frio)	0,097%		0,36%	
Ceras e gorduras (extração etária)	0,061%		0,0185%	
Ácido húmico(*)	4,24%	9,49% (pode chegar a 18%)	0,36%	0,36%
N	0,3% a 5%		0,2%	
P ₂ O ₅	0,075% a 2,5%		0,2%	
K ₂ O	0,05		0,05	

* O ácido húmico é um dos componentes do húmus. É um produto de composição da celulose e de lignina pelos microorganismos. É fundamental à vida dos vegetais, tornando-se tóxico em doses elevadas, especialmente por ser um redutor que retira o oxigênio do meio.

Não usamos nenhum caco no fundo dos vasos, colocamos uma camada de piaçava na altura suficiente para apoiar a base da planta. Vamos colocando piaçava entre o rizoma e a parede do vaso apertando o suficiente para bem fixar as plantas. É evidente que quanto mais apertado ficar o substrato, mais umidade poderá reter.

Fazemos regas controladas por medidor de umidade (no verão de 2 em 2 dias e no inverno 1 vez por semana).

Fazemos adubação trimestral com esterco de galinha, seco a 100° c (1 colher de doce por vaso de 15cm) e adubação complementar cada mês com adubo foliar de nossa fabricação (18-18-18) que além do N, P e K, tem 3 médio elementos - Ca, Mg e Fe e 13 microelementos quelatinizados, bem como 2 reguladores de crescimento - Vitamina B1 e Nicotinamida.

Só usamos inseticida sistêmico, (Folimat 1000) quando necessário. O mesmo para fungicida, usamos uma mistura de Benlate (Sistêmico) e Dithane M - 45 (contato).

No controle das lesões microbianas ou apodrecimentos locais, usamos o produto sistêmico do laboratório Pfizer, Agrimicina (Terramicina e Estreptomina) para uso agrícola, em aplicações tópicas com o próprio pó, ou em solução para uso foliar. Esse defensivo é especialmente eficiente no controle da podridão mole que torna as partes atacadas amareladas e com forte cheiro putrido característico, e que ataca as orquídeas em geral mas especialmente os *Phalaenopsis*. É produzido por um aerobacter, germe muito sensível a estreptomina.

Discussão

Ao iniciarmos este trabalho fizemos uma visita ao Orquidário Binot e em

companhia de Maurício Verboonen examinamos um grande número de vasos, alguns com aproximadamente 4 anos e tendo levado mamona muitas vezes.

Em todos havia bolo de raízes vivas e o substrato se mostrava muito limpo e bem conservado. As plantas são envasadas com a piaçava não muito apertada, ficando o substrato 1 a 2 cm, abaixo da borda do vaso.

As plantas de um modo geral estão em muito bom estado cultural, com crescimento muito satisfatório.

No Binot os *Paphiopedilum* vão muito bem e algumas plantas que não cresciam em vaso de xaxim agora crescem bem na piaçava.

Segundo Maurício, a piaçava necessita menos adubação pelo fato das plantas terem mais raízes.

Realizam regas normais, como no caso do xaxim, não havendo plantas desidratadas.

No nosso caso, ainda com pouco tempo de experiência e tendo aproximadamente 30% dos vasos em piaçava, o resultado para a maioria é muito bom.

Temos tido excelente resultado nas culturas de *Laelia purpurata* e outras *Laelias*, *Catasetums* e *Cattleya labiata* em geral. Nos *Phalaenopsis* o resultado é excepcional. Bons resultados também com rupícolas, *Dendrobiums*, *C. intermedia*, alguns *Oncidiums* e muitas outras espécies.

Algumas plantas, individualmente, vão mal e começam a desidratar nos obrigando trocar a piaçava pelo xaxim ou esfagno (*Paphiopedilums* p. ex.).

Dentro de mais algum tempo, com maior experiência faremos nova avaliação das culturas.

Ao terminar, expressamos especial agradecimento ao Sr. Vinicius Rossi que gentilmente nos permitiu conhecer sua fábrica de vassouras dando-nos uma excelente aula sobre piaçava.

MERISMAS SOBRE MERISTEMA - Final

Raimundo Mesquita*

Por necessidades editoriais esta parte final teve que ser subdividida, de modo que restou da conclusão o texto que se vai ler, sobre o corte da gema de *Cymbidium* e as etapas subseqüentes, gênero que é considerado pelos autores citados, no artigo e na pequena bibliografia que segue o texto, o mais fácil para começar.

Cortando a gema

Procedida a esterilização, está o material escolhido pronto para excisão, localização do meristema, seu isolamento e colocação no frasco para cultura. George Morel considera que o melhor é começar com gema em início de desenvolvimento vegetativo, mas admite que se obtém bons resultados, também, com o uso de gemas laterais ainda adormecidas (a grande vantagem disso, é que não precisamos sacrificar um broto novo que está se desenvolvendo para florir, não ocasionando, portanto, maior dano à planta. Insisto, pois, trabalhe com plantas de poucos valor e estima e seccione um bulbo antigo, traseiro, de preferência).

É de todo conveniente começar com *Cymbidium*, pela enorme capacidade de regeneração que tem essa planta, como já destacado.

São as seguintes as etapas:

I- Destacado o bulbo da planta e antes de proceder a esterilização acima indicada, remove-se todos os restos de folhas, de raízes, como de partes necrosadas com um bom e afiado instrumento de corte

(canivetes, escalpelo etc).

II- Remove-se, também, bainhas e tecidos localizados em torno e entre os "olhos" (gemas) que vão ser dissecados. Isso facilita a penetração do produto de esterilização. É mais prático não remover os "olhos", por que, separados, torna-se mais difícil a manipulação como, também, mais rápida a oxidação e necrose.

III- Esterilização, como atrás indicado.

IV- Pronto o material para o corte, usa-se microscópio de dissecação, ou dessas lentes de bom aumento, com pés, e iluminação de campo, ou, ainda, outras que se usam presas à cabeça, como se fossem óculos. Corta-se e remove-se a parte superior até mais ou menos a metade da gema. O tecido das bainhas externas, que é facilmente identificável (lembre das camadas de uma cebola), vai sendo removido um a um, com cortes longitudinais, de cima para baixo, com microscalpelo (lembrem o do Prof. Silvio Teixeira... Morel construía um com lâminas de barbear suíças), com todo cuidado para não danificar o apex. Assim fica mais fácil remover as bainhas e partes da folha primórdia, o que se consegue com instrumento pontiagudo, até mesmo com uma agulha previamente esterilizada e flambada. O Prof. Silvio Lopes Teixeira aconselhou-nos a não remover todas as folhas primórdias, o que foi corroborado por Morel que escreveu que as retirava todas, mas que, depois, concluiu que isso não se fazia necessário (o que é muito bom, por que, para nossa imperícia inicial, o risco de danos é muito menor).

V- A parte dissecada não é, pois, só o meristema, mas, na verdade, uma gema

* Rua D. Mariana 73/902 - Botafogo
22.280-020 - Rio, RJ.

interna da 0,5 a 1,5mm.

VI- O corte do explante é feito com o microscalpelo com quatro cortes em ângulo reto em torno do meristema e exatamente abaixo da inserção da primeira folha primórdia. Dizia Morel que "essas operações são mais fáceis de fazer do que de descrever" e que "com um pouco de prática e uso de plantas sem valor, qualquer pessoa pode aprender proceder corretamente".

VII- O explante é, de imediato, levado ao frasco já com os nutrientes. Morel recomenda o uso de tubos de ensaio (o Prof. Silvio Lopes Teixeira usa-os cortados pela metade; disse-me, aliás que isso resultava de reaproveitamento dos que se quebram no laboratório...). O motivo é que, como se trabalha com o frasco aberto, diminui-se, assim, a possibilidade de contaminação.

VIII- *Outras observações.* Como são muito grandes os riscos de contaminação e de oxidação, de todo imprescindível trabalhar em local de assepsia extrema, capela estéril ou, em último caso, como aconselhava Morel, em local o mais limpo possível (sugeria o banheiro das nossas casas, com seus ladrilhos e azulejos, previamente limpos com um bom desinfetante e com freqüentes pulverizações, no ar, com álcool). Para o risco de oxidação usa-se colocar o material a ser dissecado dentro de um prato de Petri, com água destilada ou água de coco autoclavada.

Hoje em dia, muitos são os meios de cultura utilizados para uso logo após o corte e para o posterior desenvolvimento do protocórmio, variando inclusive de gênero para gênero, existem, inclusive, meios já preparados e comercialmente vendidos. Trabalha-se, também, com meio líquido ou sólido. Não foi o propósito desta nota ser exaustiva, mas apenas, como repetidamente dito, despertar o interesse e, na medida das poucas possibilidades do

autor, ajudar nos primeiros passos.

Assim, se você for experimentar use meio sólido, à base de agar (como se faz para semeadura, só que mais mole). Para meio líquido você precisaria de um agitador, que só se justifica para produção em grande escala. Use as fórmulas mais simples recomendadas por Morel:

1º - Para após dissecação: fórmula Knudson 'C' (ver Orquidário Vol. 5, nº2, pág. 37).

2º - Para propagação do protocórmio (Morel e Muller, 1964):

- Água bidistilada - 1 litro
- Sulfato de amônio $(\text{NH}_4)_2\text{SO}_4$ - 1g.
- Nitrato de cálcio $\text{Ca}(\text{NO}_3)_2 \cdot 4\text{H}_2\text{O}$ - 0,5g.
- Cloreto de potássio KCl - 1g.
- Sulfato de magnésio $\text{MgSO}_4 \cdot 7\text{H}_2\text{O}$ - 0,125g.
- Fosfato dihidrogenado de Potássio KH_2PO_4 - 0,125g.
- Solução Heller de microelementos - 1ml (*)
- Açúcar ou sucrose - 20g.
- Agar - 6g.
- Banana verde, cerca de 40 gramas (homogeneizar batendo em liquidificador).

(*) A solução de Heller para micronutrientes na verdade são duas:

Solução A - Água bidistilada - 1 litro

- Sulfato de Zinco - ZnSO_4 - 1g.
- Ácido Bórico H_3BO_3 - 1g.
- Sulfato de Manganês $\text{MnSO}_4 \cdot 4\text{H}_2\text{O}$ - 0,1g.
- Sulfato de Cobre $\text{CuSO}_4 \cdot 5\text{H}_2\text{O}$ - 0,03g.
- Cloreto de alumínio - AlCl_3 - 0,03g.
- Cloreto de nickel NiCl_2 - 0,03g.
- Iodeto de Potássio KI - 0,01g.

Solução B - Água bidistilada - 1 litro

- Cloreto de ferro $\text{FeCl}_3 \cdot 6\text{H}_2\text{O}$ - 1g.

Preparo: Adicionar 1 mililitro de cada, para cada litro do meio descrito.

3º - Para desenvolvimento das plantas, qualquer dos meios habitualmente usados para desenvolvimento de "seedlings": tomate; abacaxi ou banana madura.

Vou ficando por aqui, por que, mais, seria extenso e cansativo e ao Autor faltam "engenho e arte". Para os que nada sabem e ainda não tentaram, pouco adiantaria. Aos que já dominam a técnica, nada teriam a ganhar.

Para completar forneço referências de leitura básica.

Referência bibliográfica

George M. Morel - Clonal Multiplication of Orchids, in The Orchid, Scientific Studies, Krieger Publishing Co. Florida, USA, 1985, 169/222.

Joseph Arditi - Orchid Biology, Reviews and Perspectives, Vol. I Clonal

Propagation of Orchids by Means of Tissue Culture - A Manual, Cornell Un. Press, Ithaca, USA, 1977, 203/293.

J. Stewart - Orchid Propagation by tissue culture techniques - past, present and future, in Orchid Conservation, Cambridge, Un. Press, 1989, 87/100.

T. W. Yam and M. A. Weatherhead - Nodal culture of some native orchids of Hong Kong, in Lindleyana Vol. 5, nº 4, dez. 90, 218/223.

Marco O. Oshiro and William L. Steinhart - Preparation of protoplasts from cells of Orchids... , in Lindleyana, Vol. 6, nº1, 1991, 36/41.

T. W. Yam and M.A. Weatherhead - Leaf-tipe culture, Root-tip culture of several native orchids of Hong Kong, Lindleyana, Vol. 6, nº3, Sept. 1991, 147/153.

Desenhos e Pintura de Orquídeas

Recentemente visitou o Brasil o pintor cubano Jorge Duporté. Nessa ocasião Orquidário teve a oportunidade de conhecer alguns dos seus trabalhos sobre orquídeas. Pela sua alta qualidade, o Comitê Organizador da 15th WOC, que se realizará no Rio, em 1996, convidou o artista para participar daquele evento mundial, com suas pinturas e aquarelas sobre orquídeas.

Jorge Perez Duporté nasceu em Cuba, na Província de Guantánamo, tendo estudado artes plásticas na Escola Nacional de Artes, de Havana Ligado ao Jardim Botânico dessa capital e de Cienfuegos, começou a trabalhar com plantas cubanas, em 1967. Atualmente dedicado a produzir uma coleção de 196 pranchas de espécies botânicas endêmicas e em risco de extinção no seu país, bem como das espécies típicas da biosfera da Serra del Rosario, na província cubana de Pinar del Rio. Dessa coleção cedeu o artista para o Arquivo fotográfico da Orquidário, cópias de algumas pranchas, dentre as quais selecionamos a aquarela, sobre cartolina, de *Epidendrum wrightii*, que está na página 119.

Aliás, a Orquidário, no âmbito das suas atividades editoriais está planejando desenvolver pesquisa junto à Biblioteca Nacional, Museu Nacional, Jardim Botânico e outras instituições, onde se sabe que existe acervo inestimável de desenhos e pranchas de orquídeas, de difícil acesso, para reprodução e publicação em Orquidário e Pulchra. Exemplo desse resgate cultural é a recente publicação, pela Biblioteca Nacional, com apoio do Banco Real, do Álbum "Amazônia - Redescoberta no Sec. XVIII", sobre a "Viagem Filosófica" que Alexandre Rodrigues Ferreira, biólogo baiano, empreendeu ao Pará. Dentre as espécies vegetais reproduzidas em pranchas estão ilustradas *Psycogomorphis pusilla* e *Scuticaria steelii* Ldl.



Epidendrum wrightii
Aquarela de Jorge Duporté - Cuba, 1990

PERFIS

1- O Orquidófilo: esse colecionador singular e paradoxal

Colecionador é o indivíduo cujas atitudes, ações, lembranças e até a própria existência, são inteira e continuamente dedicados à perfeição do que coleciona, com abstração de tudo o mais, sobretudo se outro orquidófilo...

Depreende-se da definição que o colecionador, é um ser tendente, se não à solidão, pelo menos ao isolamento. Essas, tem sua fase inicial dentro de grupos fechados, onde os confrades se respeitam pelo requinte e perfeição das peças colecionadas e raramente exibidas. Na fase mais aguda, o colecionador atinge a etapa solitária individual, sobrevivendo a discriminação até do grupo.

O orquidófilo é, porém, um colecionador singular. Sabe que a nova sementeira de alguém, pode vir a ultrapassar o padrão já atingido por suas próprias plantas, daí a necessidade de manter-se enturmado. Raramente o orquidófilo atinge a solidão plena ou absoluta.

Ocorre que, a meta da exclusividade, idéia fixa de qualquer colecionador, faz com que as grandes sementeiras não o atraiam. Qualquer coisa muito socializada e ao alcance de todos os outros mortais, ainda que produza coisas muito belas, é contrária aos princípios que norteiam o Colecionador.

A maneira de um colecionador orquidófilo oferecer a outro, que ele considera do mesmo nível, alguma raridade, é um ritual. A abordagem começa com olhares em volta, para ver se há alguém por perto. Segue-se diálogo de mandarins, mais ou menos assim: imagine que de uma sementeira, da qual sobreviveram, apenas cinco plantas, uma já floriu. É fabulosa!... Nesse momento tenha cuidado, porque querem lhe empurrar as outras quatro. Das quatro, diz o ofertante, ainda

tenho duas disponíveis, por que já firmei compromisso para as demais. Esse é o diálogo típico de colecionadores. Se você topa ficar com as duas que estavam disponíveis, dias depois recebe o comunicado de que as outras duas também podem ser negociadas, por que o compromisso se quebrou...

Para quem gosta de exercer o sentimento de posse, o monopólio é a glória máxima.

Se a posse de determinada planta é monopólio de 2 (dois) orquidófilos, e um deles a faz meristemar, a convivência harmônica é impossível, impondo-se o rompimento.

Aí está o primeiro paradoxo: qualquer um de nós imaginaria que esse sentimento, tão discriminatório e tendente à exclusividade, teria um fim econômico, de valorizar aquele espécime tão raro. Mas não, já que aquele que não admite a clonagem, também, mais das vezes, não vende, não troca, não dá, nem mesmo um pedacinho, traseiro, da sua raridade. Mas o paradoxo desaparece, quando se percebe que o ideal mesmo do orquidófilo é a fama de ser o detentor da planta única. Melhor ainda se ela veio do mato e foi maravilhosa descoberta, a única valiosa dentro de um monte de espécimes iguais, mas medíocres. O nosso orquidófilo quer, também, ser um ungido dos deuses. Não é só isso, porém. Além de eleito do Olimpo, quer ele ser conhecido pelo seu faro afilado, pela sua capacidade de escolha de fornecedores. Enfim, ele sabe das coisas...

Mas também, e aí está o segundo paradoxo, não quer que suas preciosidades fiquem conhecidas. O orquidófilo é, por definição, um discreto, ou seja, como já dito, um solitário, ou, pelo menos, um segregado. Mas... não queria a fama de ter a melhor planta, de ser possuidor de um grande faro?

Como pode tê-la, a fama, se não divul-

ga o que tem, para desespero dos demais desafortunados?! Mas, também este segundo paradoxo se dissolve quando descobrimos que o nosso Orquidófilo é um sutil. Ele não divulga, mas faz com que divulguem, usa a técnica de contar seu segredo ao amigo de confiança, que também tem um amigo de confiança, que, por sua vez, tem outro amigo da mais absoluta discrição...

Um dos maiores prazeres do nosso Orquidófilo são os bulbos de US\$ 1.000,00. Maior, ainda, por que ele recusou a oferta...

No cultivo, então, é um mágico, pragas e doenças são coisas que, como a morte, acontecem só aos outros... Por isso ele não precisa de usar esses "venenos" a que recorremos, de quando em vez, nós os mortais, os microorganismos sabem de sua força moral!

Acha bobagem isso de esterilizar os instrumentos de corte, vírus não é coisa para ele, feliz proprietário de plantas únicas.

Comporta-se, às vezes, como aquele personagem da anedota que acendeu um fósforo para ver se havia combustível no tanque do carro, por que estava escuro...

Fertilização é coisa de amadores, a planta sabe resolver seus problemas de nutrição, não é assim na natureza?

Isto, porém, é o que ele diz, mas, na intimidade, dá sua ajudazinha à mãe natureza, aduba, combate pragas e doenças, é um cuidadoso.

O que mais lhe apaixona é a excentricidade, adora que comentem suas manias, sua sofisticação. Por isso, ele não participa de exposições e mostras, sua coleção é seu vício solitário, nada de exibi-la e, muito menos, submetê-la a julgamento de uns quantos beócios que não sabem reconhecer o que é belo. E, no entanto, terceiro paradoxo, fica enormemente feliz quando alguém, que ganhou o privilégio de ver suas plantas, elogia seus exemplares como de rara e especial beleza e perfeição, dizendo-lhe, ainda, que compreende agora porque ele não vai às exposições -

ganharia todos os primeiros prêmios...

O nosso Orquidófilo é, também, um botânico, taxonomista frustrado. Observa o seu prazer em dizer o nome correto, até com o nome de quem descreveu a planta. Nada de Chuva de Ouro, mas *Oncidium varicosum* Lindley, ou, melhor até, em certos casos, *Oncidium euxanthinum* Rchb.F., como, outro dia, ensinou Carlos Eduardo de Britto Pereira (Orquidário, Vol. VI, nº 2, pág. 69/72).

Quando, então, um Orquidólogo contesta uma classificação e propõe a criação de um gênero novo (coisa, aliás, que anda preocupando a vetusta autoridade internacional de registro de orquídeas, a Royal Horticultural Society - RHS), o nosso Orquidófilo vai à loucura, é capaz de passar horas lhe explicando por que o antigo *Odontoglossum pendulum* deve ser chamado, agora, de *Cuytlauzina pendula*. Explicará, também, uma das essenciais diferenças entre *Oncidium* e *Odontoglossum*, a posição da coluna (provavelmente não dirá posição, mas hábito), sendo por isso que *Odontoglossum laeve* é, na verdade, *Oncidium laeve*.

Tem, também, o nosso orquidófilo o seu registro horticultural particular, cheio de sutilezas, classificações, espécies e subespécies, variedades, subvariedades, que levam em conta especialmente a cor. Aí é um não mais acabar de variedades, já que a descoberta de uma *Spec. nov.* ou *Var. nov.* é o Santo Graal do Orquidófilo. Nada dessas coisas esquemáticas, tipo, alba, semi-alba etc., e sim, venosa, suave, flâmea, fresina e fresina "propriamente dita" etc. etc.

Alerta às donas de casa de maridos orquidófilos

Minha Senhora,

A orquidofilia é um vício terrível. A senhora não sabia e, por isto, não teve condições de impedir que o seu marido se contaminasse, agora tenha paciência, seja muito tolerante e compreensiva porque

esse, é um vício que cria dependência, síndrome que tende a se agravar.

Progressivamente, a vida, os hábitos e a rotina do seu marido irão sendo alterados; ele dará cada vez mais tempo à suas plantas e não se surpreenda se vier a flagrá-lo conversando com elas, transmitindo-lhes as últimas notícias, ou perguntando-lhes porque produziram tão mal, na última floração, se foi porque fez muito calor, frio ou porque não está gostando da alimentação. Não se espante, também, com a invasão da sua casa por armários estranhos que serão colocados na melhor posição de iluminação daquela sua janela favorita, aberta para a paisagem e que recebe o sol nascente. Pode esperar que os seus tapetes vão receber respingos de água de rega. Algum dia a senhora vai sentir, na sua sala de estar, algum cheiro fétido, sobressaindo ao gostoso perfume daquela *Encyclia odoratissima* tão florida. Precate-se e se afaste, é inseticida sistêmico ou fungicida.

Agora se o odor lhe lembrar putrefação, fique certa de que há adubo orgânico nos vasos, farinha de osso, de sangue ou mamona...

Sugerimos que, embora não seja ainda

caso de interdição, estabeleça regras rígidas de convivência e imponha o seu cumprimento: quanto ao uso do espaço da casa e, acima de tudo, da sua cozinha e dos banheiros, estes lugares, numa casa, que, pelo revestimento de azulejos, mais se aproximam da assepsia dos laboratórios.

Quanto à cozinha, estabeleça horários de uso: a madrugada, de preferência, para ele. De outro modo, vai perder aquela empregada de estimação e quantas outras venha a arranjar depois.

Cuide, sobretudo, das panelas, principalmente as de pressão. Exija que ele compre uma, ou duas, só para seu uso quando for esterilizar, por exemplo, aquele que ele lhe disse ser um ótimo nutriente de origem animal, rico em nitrogênio e que já está curtido, mas que é bom esterilizar!

Oferenda final

Meu caro Orquidófilo,

Será que você pensou que estávamos lhe retratando?

Pois acertou! Este é você, assim é você e, assim, também somos nós.



Ascocenda Roberto Agnes

Essa planta resulta de um feliz cruzamento, feito nos EUA, por Jill Sitran, de Sitran Orchids. E, hoje planta rara, por que aquele orquidário sofreu dois reveses: contaminação por Benlate e o recente furacão na Flórida

2- Outro Perfilado

O quarto paradoxo do Orquidófilo é que ele nem sempre é assim, como vimo-lo descrevendo. Por vezes é um despreendido, difunde seus muitos conhecimento com a simplicidade só possível aos que sabem muito e, alguma vez, com a rude sinceridade de quem não admite o menos bom, quando se pode ter o ótimo. Acredita na beleza e, por isso, procura vê-la nos mais variados gêneros, espécies e híbridos.

Julga com rigor e é um entusiasta das exposições, por que sabe da importância delas, não apenas como momentos de deleite, mas, sobretudo, pela função que tem para o desenvolvimento da orquidofilia, como forma de arte de educação do gosto.

Já perceberam os nossos leitores que, estamos falando do nosso Editor, Roberto Agnes, aproveitando uma sua ausência, por viagem aos Estados Unidos, para participar, como Juiz, de algumas importantes mostras.

Os que o conhecem de perto sabem do importante papel inovador que esse ítalo-anglo-brasileiro vem desempenhando neste momento em que a orquidofilia brasileira retoma seu vigor e se internacionaliza.

ROBERTO AGNES

Nasceu em Londres, mas, de nacionalidade, é italiano.

Tem a profissão de restaurador de obras de arte, já tendo sido Auditor contábil, o que, visivelmente, é incompatível com seu modo de ser.

Sua história orquidófila, em breve resumo:

1- Juiz, formado na África do Sul.

2- Participou na exposição mundial em Durban, África do Sul (1981).

3- Montou o estande da África do Sul: em Miami, EUA (1984).

4- Montou estande e julgou: em Auckland, Nova Zelândia (1990).

5- Foi um dos que levaram a candidatura do Brasil para sediar exposição mundial de 1996 no Brasil, o que se conseguiu.

6- Será um dos coordenadores de julgamento da 14ª Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas, em Glasgow, Escócia, 1993. (somente duas pessoas fora da Escócia foram convidadas para chefiar o julgamento em Glasgow).

7- Conferencista no Congresso Americano de Orquídeas de Houston, Março 1992.

8- Participou de várias conferências em 1987, 1988, 1989, 1990 e 1991 nos E.U.A.

9- Sócio fundador da OrquidaRio, onde tem ocupado as mais diversas funções desde Diretor Técnico, até Membro do Conselho Deliberativo.

10- Foi escolhido Coordenador de julgamento - Chairman of Judges, pelo Comitê Organizador da 15ª Conferência e Exposição, Mundiais, de Orquídeas, a 15th Woc, a realizar-se, no Rio de Janeiro, em setembro de 1996. Desde 1990 vem, através de cursos, formando o quadro de Juizes da OrquidaRio, como, também, no Rio e São Paulo, está preparando, segundo as regras internacionais, o quadro de Juizes Brasileiros que integrarão o Júri daquele evento, como da Exposição Internacional, preparatória, que se cumprirá, no Rio, em setembro de 1994.

Álvaro Pessoa e Raimundo Mesquita

SEMENTEIRA DOS SÓCIOS

1 - Sobre "Perfis"

Prezado Editor,

Relendo a edição vol.5, nº 3, 1991-de julho, agosto e setembro, tive minha atenção despertada para o artigo "Conversa com o Editor" no qual o autor faz menção àqueles que engrandeceram a orquidofilia no Brasil. Fala de vários, "... para citar apenas alguns nomes", mas ainda assim comete omissão ao deixar de citar Paulino Recchi, de Amparo, SP e Mariano Teixeira, de Recife-PE, dois dos verdadeiros precursores da orquidofilia no País, pois nos idos dos anos 30/40 já produziam 'seedlings' a partir de plantas importadas, cruzadas entre si ou com espécies brasileiras. Paulino Recchi foi estupidamente perseguido pelas tais "autoridades competentes", da época, por razão de suas convicções políticas e ideológicas e com isto não teve seu trabalho divulgado como seria de desejar, apesar dos esforços de sua filha Dna. Amélia Recchi, que tentou manter o imenso orquidário que tinham, após o falecimento de Paulino. Um imenso trabalho, de anos, alienado ao conhecimento e reconhecimento público.

O mesmo de dizer de Mariano Teixeira, talvez não tão saudoso, não tão mundano como seu irmão Eloy Teixeira, muito conhecido no Rio de Janeiro e que empresta o nome a uma das mais belas *C. labiata* alba que já vi, mas que realizou um trabalho formidável, em Recife, cruzando *Phalaenopsis* e outros gêneros, em trabalho quase anônimo. Creio que em número da saudosa revista 'Orquídea', nos bons tempos de Luyz de Mendonça, apresentou-se reportagem sobre Mariano e seu orquidário. Ainda hoje, sua casa em Recife, lá na Piedade, apresenta (ou apresentava, não sei mais!) touceiras de *C. labiata coerúlea*, presas aos pés de coqueiros plantados no

jardim, cuidadas com desvelo por Dna. Baby, sua esposa e, pelo menos, por uma filha.

Quero sugerir que estes dois nomes se alinhem "post mortem" como candidatos à Seção *Perfis*, que, em tão boa hora, foi introduzida na Revista. Talvez fosse digna de resgatar o esforço dessas em prol do conhecimento orquidófilo e restabelecer (ou estabelecer) uma memória orquidófila, que me parece serem dos objetivos da Seção.

Abraços,
Leonardo Freitas do Valle Neto - S.
Fundador
São Paulo

PS: Será fácil encontrar em São Paulo quem possa relatar a vida de Paulino Recchi (Ary Marcondes, Heitor Glorden etc.) e no Recife, a de Mariano Teixeira (Burler, Camilo, Ayrton etc.).

Caro Leonardo,

As menções feitas, no Editorial que você aponta, foram, apenas exemplificativas, já que se fôssemos fazer uma enumeração exaustiva provavelmente gastaríamos grande espaço da revista, espaço que, como você sabe, tem que ser economicamente aproveitado.

Note, porém, que a omissão que você aponta, desaparece, agora, com suas emocionadas palavras. Fica o convite para que as pessoas citadas no seu Post-Scriptum nos mandem suas reminiscências orquidófilas e não só de perfis.

OrquidaRio

2- Sobre PH e pH

Quero corrigir um pequeno erro editorial:

PH é a abreviatura para indicar o peso hidrolítico, a presença de água em cereais, madeira etc.

pH é o potencial de hidrogênio, na escala O-14 para indicar acidez e

alcalinidade.

Nos trabalhos publicados tenho observado mistura de pH com PH, o que será necessário evitar.

Victor Hugo de Souza-Sco 269
Santa Maria, RS

FLORABELA

Érico de Freitas Machado

Caixa Postal, 01-0841

29.001-970 — Vitória — Espírito Santo — Fone (027) 227-6136

40 anos de experiência em orquídeas nativas do Estado do Espírito Santo.



Pedidos e informações

A.B. Gomes Ferreira
Rua do Paissandu, 678/902 — 52010
Recife
Fone: (081) 536-1016

O substrato alimentício 5; 1; 14,
auto estabilizante do pH (5,3); du-
ração mínima de 4 anos.
Revendedor autorizado: Orquidário
Sander, de Osório, RS.
Aceitamos revendedores.

Leonardo Freitas do Valle
C.P. 233 — Alphaville
Barueri, SP
Tel. (011) 421-1223



R.